

LUZ FACTORY

REPORTAGEM DE CAPA

Gerald Thomas faz sucesso no teatro com a peça *Ventriloquist*, vista por Caetano Veloso (foto), e fora dele tem atitudes surpreendentes..... 8

COMPORTAMENTO

Cybercafés como o @point na Barra (foto) ganham popularidade..... 14

BEIRA-MAR 74

AS BOAS COMPRAS 62



ANDRÉ NAZARETH/STRANA

SERVIÇO

Jardim Botânico, o bairro das ateliês, como o de Sônia e Conceição (foto) 4

CIDADE

O sucesso das escolinhas da Quinta da Boa Vista 16

ESPORTE

Uma nova onda agita as praias da cidade: o kitesurfe 17



RICARDO TAKAMURA/STRANA

ROTEIRO DA SEMANA

A SEMANA 19

RESTAURANTES 20

A sorveteria Itália está de casa nova em Ipanema, com mais espaço e muitas invenções geladas

NOITE 26

EXPOSIÇÕES 28

No Museu Histórico Nacional, jóias da azulejaria contemporânea portuguesa, como o painel de Vieira da Silva (foto)



JOSE PESSOA

PARA AS CRIANÇAS 30

ADOLESCENTES 34

CONCERTOS 41

Rigoletto, de Verdi, abre a temporada lírica do Municipal com elenco internacional (foto)



BRUNO VELLASTRANO

TEATRO 44

SHOWS 48

O cantor Ze Renato lança CD no Rival

FILMES 51

CINEMAS 54

TV POR ASSINATURA 60

veja Rio



S T Q Q S S D
24 25 26 27 28 29 30

O MARQUETEIRO DA VANGUARDA

Gerald Thomas reencontra
o sucesso entre beijos
escandalosos, polêmicas em
festival e fofocas com socialite

A ÚLTIMA DO GERALD

Sucesso no Rio com *Ventriloquist* e às voltas com novos projetos para a cidade, o dramaturgo Gerald Thomas ainda encontra tempo para criar factóides

PEDRO TINOCO E KARLA MONTEIRO

Gerald Thomas é um homem sério. Conviveu com Samuel Beckett, um dos maiores dramaturgos do século. Comenta com deleite o sucesso dos últimos espetáculos que criou na Europa — as óperas *Tristão e Isolda*, há três anos em cartaz na Alemanha, e *Moisés e Aarão*, no repertório da Ópera de Viena. Seu xodó mesmo é *Chief Butterknife*, peça montada em Copenhague por uma turma que segue os mandamentos estéticos do Dogma 95, movimento criado pelo cineasta dinamar-

quês Lars Von Triers. Gerald Thomas é um pândego. Há duas semanas tascou um beijo cinematográfico no produtor Paulo Borges em uma festa em São Paulo. Pareciam Deborah Kerr e Burt Lancaster em *A um Passo da Eternidade*, inclusive por um detalhe: repetiram a cena tempo suficiente para que as câmaras flagrassem tudo direitinho. Gerald Thomas, 45 anos, estourou na temporada 2000 em dois papéis. Um é o do encenador bem-sucedido, com projetos de Primeiro Mundo e um tremendo êxito carioca — *Ventriloquist*, que lota o pequeno tea-

tro do Espaço Cultural Sérgio Porto e provoca boas críticas desde a estréia, em 2 de março. O outro, tão ou mais popular, é o do beijoqueiro polêmico, habitué da quadra da Mangueira, parceiro de fofocas de Vera Loyola. Enfim, um arroz-de-festa.

O Gerald beijoqueiro é reincidente. Quando participou da gravação do programa *Encontro com o Primeiro Time*, da TVE, em fevereiro, junto com o carnavalesco Milton Cunha e a garota-propaganda dos primórdios da TV brasileira Neide Aparecida, soltou a franga. "Ele estava indomável. Levanta-



Thomas em dois tempos: pensativo e beijando Paulo Borges para as câmaras

va da cadeira, queria fumar, quanto mais a gente pedia, mais ele fugia das regras do programa", conta Milton. Quando o programa acabou, o carnavalesco, brincando, chamou o diretor de Gabriel Vilella (*diretor de teatro, mineiro*). Gerald respondeu com um show. "Me deu uma rasteira e, quando eu estava no chão, deitado, me tascou um beijo na boca, de língua e tudo. Era cuspe e baba para todo lado. Eu ri de nervoso, mas adorei", diz o carnavalesco, às gargalhadas. A vítima seguinte foi a decana Neide Aparecida, estrela dos comerciais das perucas Lady ("tá?"), alcançada já nos corredores. "Perguntou se eu tiraria a roupa para ele fotografar. Fiquei sem graça e sem resposta", lembra ela. "Quando estávamos saindo do estúdio, ele me derrubou no chão e me deu um beijo na boca. Fiquei muito envergonhada. Não sabia se era casado, noivo ou tinha namorada. Não gosto dessas coisas, sabe? Provocar ciúme."

O outro Gerald, aquele que faz teatro, também mexe com a cabeça das pessoas. Com a peça *Ventriloquist*, já arrebanhou

mais de 3 500 espectadores cariocas e beirou a unanimidade. Ganhou elogios até de Barbara Heliodora, de *O Globo*, a mais conceituada crítica teatral do Rio, tida por Gerald como inimiga pessoal. Profissional, depois de assistir ao espetáculo, em São Paulo, em dezembro, ela escreveu: "É o trabalho mais interessante de Thomas nestes últimos anos". A peça é um desses raros casos em que crítica e público concordam. "Voltam 100, 150 pessoas da porta", conta Gerald, com uma entonação rodriguiana. De fato, o Espaço Cultural Sérgio Porto, pela pri-



“Gerald me deu uma rasteira e me jogou no chão. Quando estava lá, deitado no tapete, ele me tascou um beijo na boca, de língua e tudo. Eu ria, nervoso, mas estava adorando.”

Milton Cunha
Carnavalesco



meira vez em sua história, decidiu aceitar reservas por telefone e a produção do espetáculo está negociando com a prefeitura uma segunda prorrogação da temporada. Gerald tem mais planos para a cidade, entre eles cuidar da programação dos vastos espaços do Sesc-Copacabana. “Tenho sempre de estar em algumas partes do mundo, mas nada impede que eu diminua minhas viagens e passe quatro, cinco dias por semana no Rio”, esnoba.

Ele toma posse no dia 15 de julho, com uma programação de vídeos e debates sobre novíssimos espetáculos internacionais. “Quero mostrar o que chamo de Teatro Contemporâneo Iconoclástico, uma experiência radical que está para o teatro como *A Bruxa de Blair* está para o cinema”, conta. Não entendeu? “São obras que, a partir da queda do Muro de Berlim, manifestam um certo desagrado, uma falta de respeito pelo estabelecido, peças que vêm do Japão, do interior da Macedônia, passando pela Rússia, e oferecem muitas coisas interessantes”, avisa. A proposta instigante parece nada diante do que aquele outro Gerald costuma aprontar nos jornais. O beijo da semana retrasada, por exemplo. Paulo Borges, produtor de moda, organizou um evento em São Paulo, encomendado por uma marca de cigarros, e chamou Thomas,

“O almoço durou três horas. Falamos de amenidades, fizemos fofoquinhas. O Gerald é como eu, franco. Fala as coisas que pensa. Não tem nada que o impeça de ser ele mesmo. Autêntico.”

Vera Loyola
Emergente



“Ele perguntou se eu tiraria a roupa para ele fotografar. Fiquei sem graça e sem resposta. Depois, me derrubou e me deu um beijo na boca. Fiquei com vergonha. Não gosto de provocar ciúmes.”

Neide Aparecida
garota-propaganda

amigo há dez anos, para abrihantar a festa. O Gerald dramaturgo e o Gerald polemista foram juntos. A idéia era montar uma “intervenção cênica” que questionava a proposta do projeto. Não deu muito certo. “Fui censurado, com partes cortadas antes da encenação e, na hora, um som nas alturas abafando o que os atores falavam”, reclama. “Essas circunstâncias desagradáveis foram muito além do que podia fazer o Paulo Borges. Por isso decidimos dar o beijo em público, para mostrar

que estávamos fechados contra aquilo”, diz o encenador. A cena improvisada ganhou as páginas de jornal e as colunas mais lidas do país. “O que aconteceu no evento foi algo muito mais importante do que o beijo e ninguém ficou sabendo”, lamenta Gerald. Borges encara a coisa toda com mais fair-play. “Eu e ele sempre nos cumprimentamos com um beijo na boca. É um hábito carinhoso. É incrível como um beijo entre homens ainda provoque impacto”, diz. A fotógrafa Gilda Barbosa, 39 anos, morreu de rir com a cena. Ela conheceu Gerald há quatro anos e seis dias depois do primeiro contato estava casada com ele. Experiente com maridos extraclasses — casou-se pela primeira vez, aos 19 anos, com o jornalista Tarso de Castro, uma espécie de touro indomável dos bares, reda-


ções e alcovas —, talvez por isso ela derrube mitos com tanta calma. “Gerald tem hábitos arraigados”, diz. “É difícil fazer com que aceite coisas novas.” Um exemplo: ele sempre teve vontade de comprar uma calça de couro. “Um dia na Áustria, com muito custo, o convenci a comprar uma. Ele não tirou mais, desde que saiu da loja”, conta. Gerald também é super vaidoso. “Quando engorda 1 grama, entra em pânico e faz regime. Tem mania de combinar alimentos. Nunca come dois tipos de carboidratos na mesma refeição”, castiga Gilda. Tem mais. Gerald é viciado em chocolate e numa nova receita de molho curry. “Para onde vamos, carrego oito latinhas de temperos orientais selecionados. Misturo e vira o melhor curry do mundo”, diz ela. Ele adora. “A Gilda é a primeira mulher de fora do teatro com quem me caso. Teve a Nanda (Fernanda Torres) e antes disso Beth Coelho, e antes disso Daniela Thomas...”, desfia. “É muito bom para mim ter a opinião de alguém que não sabe quem foi Artaud, Meyerhold, mas simplesmente se comove ou não com determinadas cenas”, conta.

Pode até não ter nada a ver com os palpites de Gilda, mas

“O único vício do Gerald é chocolate. Fica extremamente nervoso quando não tem à mão um bombom ou outro chocolate. Ele se comporta como se usasse cocaína. Se não tem, entra em pânico.”

Gilda Barbosa
mulher





O elenco de *Ventriloquist*: maior sucesso de Gerald Thomas desde *Electra com Creta*, de 1986

Ventriloquist é o maior sucesso de público de Gerald Thomas no Rio desde *Electra com Creta* (1986) e *Trilogia Kafka* (1988). “*The Flash and Crush Days* (1991) estourou, mas tinha como chamarizes Fernanda Montenegro e Fernanda Torres”, compara. Em *Ventriloquist*, peça inspirada em um trecho da ópera *Aarão e Moisés*, de Arnold Schoenberg, os onze integrantes da Companhia da Ópera Seca fazem uma festa no palco para refletir a incomunicabilidade dos tempos de hoje. Sobram críticas à internet, ao esvaziamento da arte, ao culto às personalidades. É uma zorra. “Eu viro uma espécie de cartomante enlouquecida que empaca num texto e fica repetindo uma série de banalidades que não fazem nenhum sentido”, conta a elogiada Fabiana Guglielmetti, 25 anos, na companhia desde o ano passado. Outro destaque do elenco é a baiana Ludmila Rosa, 28 anos, que hoje se divide entre a Ópera Seca e a cama do cenário do programa *MTV Erótica*. “Acho ótimo que o cara da MTV tenha visto nosso trabalho e gostado da Ludmila. Não atrapalha nada e ela tem um emprego”, diz Gerald.

Seu bom humor parece inabalável. Nem a acidentada temporada de *Tragédia Rave*, mais novo espetáculo da Companhia, o incomoda. A peça estreou no dia 8 no Rio, depois de causar polêmica no Festival de Teatro de Curitiba em 20 de março. Em cena, a narrativa do espetáculo é subitamente interrompida, como se Gerald tivesse escrito a peça pela metade. O elenco passa, então, a discutir intrigas de bastidores, supostos relacionamentos amorosos entre o diretor e as atrizes, dificuldades de ensaio. Em Curitiba, o bate-papo incluiu críticas ao festival e a seus organizadores. “O Gerald é um provocador, faz a gente sair do lugar, procurar novas formas de expressão”, defende Ludmila. “Às vezes dou arma para meus críticos, mas o tiro não me atinge. Coloquei festim lá dentro”, declama ele, que não tem nenhum pudor de atirar para todos os lados. Pou-

co antes do Carnaval, encarnou um ritmista da Mangueira. Por dois meses, todos os sábados, suava da meia-noite às 6 da manhã nos ensaios da bateria para garantir que não ia atravessar o ritmo na avenida. Atravessou. Na hora H se atrasou, não conseguiu pegar a fantasia e teve de se contentar em assistir ao desfile no camarote da Brahma. “Fiquei arrasado”, diz. Mesmo assim, o Carnaval rendeu. Ali, Gerald conheceu uma nova musa, a socialite emergente Vera Loyola. A empatia foi imediata. Dias depois, os dois se encontraram para almoçar e trocar idéias no restaurante Biruta, homônimo da padaria que deu fama e riqueza à família. O almoço durou boas três horas. “Falamos amenidades, fizemos umas fofquinhas”, lembra Vera. “Ele é exatamente como eu. Nada o impede de ser ele mesmo. Autêntico”, derrama-se. Gerald devolve a gentileza com entusiasmo. “Essa mulher é uma entidade, franca, desbocada, bem diferente da versão paulista dela, que é uma réplica do que se vê nas revistas internacionais.”

Para dar conta desse vasto mundo que põe no mesmo saco Samuel Beckett e Vera Loyola, Gerald avisa que está preparando sua autobiografia. “O título vai ser boca-a-boca, algo assim”, provoca. O lado “sério” promete tomar conta do livro. O autor vai contar as experiências de um sujeito que trabalhou seis anos na Anistia Internacional, conviveu com Hélio Oiticica e Ivan Serpa, dirigiu Fernanda Montenegro, Rubens Corrêa e Tônia Carrero. Montou 22 espetáculos de Beckett em Nova York, dividiu com Philip Glass uma ópera no Japão, dirigiu Julian Beck, cabeça da legendaria Living Theatre, em sua única atuação fora da companhia, montou uma ópera de Wagner na Alemanha, com o teatro cercado por piquetes de judeus como ele, e, na Áustria, que vive sob a sombra do neonazismo, optou por uma obra do judeu Schoenberg, entre outros feitos. “Não preciso ficar na fofoca, né?”, pergunta. Não. Mas bem que gosta. ■